

EDUCAÇÃO FÍSICA E TRANSGENERIDADE: NOVOS OLHARES E PERSPECTIVAS SOBRE DIVERSIDADES CORPORAIS E IDENTIDADES DE GÊNERO

Bruno Silva de Santana
Universidade Estadual de Feira de Santana
brunosantana2396@gmail.com

Resumo

Tendo em vista a importância da Educação Física ampliar seu olhar e perspectivas sobre os corpos, para que se inclua as diversidades corporais e identidades de gênero em suas teorias e práticas, é nesse sentido que esse artigo traz uma análise sobre as violências que marginalizam e excluem pessoas trans nos espaços educacionais e dentro da Educação Física a partir de uma narrativa de mim enquanto Homem Trans e discente do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana, aponto a necessidade da construção de um novo olhar sobre o corpo na Educação Física a partir do diálogo com a Transgeneridade.

Palavras-chave: Transgeneridade, Corpo, Educação Física.

1. INTRODUÇÃO

A partir da minha trajetória política, acadêmica, pessoal e profissional enquanto homem trans, militante e graduando no curso de Licenciatura em Educação Física, surge o interesse em discutir a temática central desta pesquisa, em que teço uma reflexão crítica acerca da Transgeneridade, pensando sobre diversidades corporais e de identidades de gênero dentro das aulas de Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Proponho-me através dessa narrativa problematizar o não-lugar que ocupa a Transgeneridade na formação docente do curso de licenciatura em Educação Física da UEFS. A categoria Transgeneridade refere-se as identidades de gênero daquelas pessoas cuja a experiência subjetiva de gênero não corresponde ao gênero atribuído ao nascimento (LANZ, 2014; JESUS, 2012).

Um dos motivos que me fizeram realizar esse tipo de pesquisa é que a (auto)biografia ainda é pouco utilizada em diálogo com a Educação Física, assim como o tema da Transgeneridade não tem sido explorado nesse campo de conhecimento. A partir disso, reflito como esses processos de exclusão e marginalização tem impactos significativos no meu processo de formação docente. Ao narrar minha trajetória enquanto homem trans em um curso que se debruça acerca dos elementos da cultura corporal humana, eu convido a Educação Física a pensar o corpo trans como possibilidade de existência em suas teorias e práticas.

A relevância dessa pesquisa se dá na medida em que os contextos educacionais por medidas legais e não legais se veem frente ao surgimento de novos atores sociais. Desse modo, o tema em questão é de grande relevância, para difundir o conhecimento acerca das identidades de gênero, nos espaços acadêmicos e na sociedade como um todo, permitindo assim, ampliar as discussões no campo da educação e em especial na área da Educação Física, visando combater as desigualdades, violências e exclusões cometidas às populações trans nos espaços formativos. Esta pesquisa buscou, também, problematizar o *Cistema*¹ educacional universitário pautado na perspectiva Cisheteronormativa² de educação a partir da minha trajetória acadêmica e pessoal enquanto homem trans.

Utilizo a metodologia de pesquisa (auto)biográfica para fundamentar a minha escrita, visto que ao contar a minha trajetória de vida, por meio das narrativas de mim, busquei respostas as minhas inquietações apresentadas como problemáticas dessa pesquisa e também como forma de tensionar e resistir as produções de saberes hegemônicas que costumam não valorizar as produções pautadas nesse tipo de escrita. Nesse sentido acredito que o método autobiográfico ao passo que se contrapõe as limitações epistemológicas dominantes pode possibilitar que existam diversidade de vozes subalternas podendo falar de si mesmas dentro da academia, construindo outras possibilidades emancipatórias de produção de conhecimento.

Segundo Santos e Garms (2014, p.4099) as narrativas (auto)biográficas implicam em uma “[...] forte participação do indivíduo que, por sua vez, se compromete com o processo de reflexão, orientado pelo seu interesse, e que o leva a definir e a compreender seu processo de formação.” Dessa forma, me faço sujeito, participante e protagonista de todo o processo de reflexão, na busca da compreensão do fenômeno estudando, sendo ator e autor da minha própria história nesse movimento de investigação-formação.

A utilização do método autobiográfico é importante nas pesquisas que envolvem educação, tanto na formação inicial quanto na continuada de professoras e professores. Servindo como método, técnica ou técnica e método, essa abordagem, também denominada historia de vida, pode

¹ Segundo Viviane Vergueiro (2015, p.225) “Cistema: uma corruptela de ‘sistema’, com a intenção de denunciar a existência de cissexismo e transfobia no sistema social e institucional dominante”.

²Cisheteronormatividade: categoria que estabelece compulsoriamente a cisgeneridade e heterossexualidade como normalidade entre as pessoas na sociedade, descartando aquelas pessoas que se comportam de maneira divergente (LANZ, 2014; VERGUEIRO, 2015).

variar dependendo do contexto e campo de atuação onde está inserido cada indivíduo envolvido na pesquisa (SOUZA, 2007).

Também destaco a relevância dessas discussões existentes no campo de pesquisa autobiográfica nas áreas de educação como possibilidade para ampliar questões teórico-metodológicas, relacionadas ao campo da produção dando visibilidade para outras fontes e possibilidades dentro das pesquisas.

Em dialogo com Santos e Garms (2014, p.4098):

[...] as narrativas (auto)biográficas se constituem instrumentos de investigação profícuos também para a análise da questão de formação de professores, pois a subjetividade das narrativas individuais (singulares) pode evidenciar o que ocorre no plano social.

Portanto reafirmo a utilização do método (auto)biográfico como opção metodológica na presente pesquisa, por possuir potencial investigativo sobre o processo de formação, possibilitando analisar a realidade evidenciada através das minhas narrativas, entendendo sentimentos e representações, apontando novos caminhos e contribuindo na construção de novos conhecimentos.

Neste artigo faço uma análise sobre as violências que marginalizam e excluem pessoas trans nos espaços educacionais. Finalizo a partir de um relato de experiência apontando a necessidade da construção de um novo olhar sobre o corpo na Educação Física a partir do diálogo com a Transgeneridade.

2. VIDAS TRANS IMPORTAM: VIOLÊNCIAS DE GÊNERO NO SISTEMA EDUCACIONAL

Recebi a notícia do assassinato de um grande amigo, Homem trans, negro, pobre e candomblecista. Dentre tantos marcadores sociais, Thadeu estava nessa incomoda intersecção entre negritude e Transgeneridade, logo, foi estuprado, espancado, esfaqueado, e assassinado com vários tiros na cabeça. Seu corpo foi deixado nu, exposto, propositalmente, para ser mais uma vez envergonhado e deslegitimado depois de morto pelo Sistema que o exterminou. Mais uma vida é levada pela transfobia, machismo, racismo e intolerância religiosa... Falar da morte de Thadeu é falar de uma serie de desumanizações e brutalizações que cercam a vida dos corpos trans e de gêneros incorfomes que resistem cotidianamente nessa sociedade. Falar da morte prematura do meu

amigo é pensar “nas violências que marginalizam e excluem pessoas trans nos sistemas educacionais brasileiros” (VERGUEIRO, 2015). Em uma das muitas conversas que tive com Thadeu, ele me encorajava a seguir firme na Educação Física, dizia que eu seria um grande professor e que a minha resistência estava servindo de inspiração pra ele. O sonho dele era ingressar no ensino superior, falava do quanto desejava cursar Educação Física e ao me perguntar como eu estava sobrevivendo ao curso na UEFS, ele sabia das dificuldades e também, assim como eu, tinha medo de ser excluído e violentado dentro da universidade pelo fato de ser homem trans. Essa lembrança me faz pensar em como sua vida talvez pudesse ter sido diferente se ele tivesse tido acesso a uma instituição de ensino que o acolhesse e o impulsionasse no processo de formação acadêmica e profissional. Como afirma Viviane Vergueiro (2015) o Sistema educacional brasileiro é fundado em profundas exclusões que invisibilizam as diversidades corporais e identidades de gênero, caracterizando as colonialidades cisnormativas de saber, que restringem o acesso e a permanência de pessoas trans na academia. Outro desdobramento desse sistema educacional que pode ser apontado, além da produção de discursos que promovem exclusões e invisibilizações, são as produções de determinadas epistemologias pautadas numa perspectiva que exotificam essas corporalidades. Minha resistência dentro da UEFS como homem trans se dá nesse contexto de exclusões e violências vivenciados dentro das aulas de Educação Física onde por diversas vezes tive o meu corpo negado, deslegitimado, e silenciado pelos professores que em suas práticas pedagógicas legitimavam determinadas identidades e práticas sexuais que se encaixavam dentro da normatividade. O que aponta a grande lacuna existente dentro da formação desses professores. Trago Silvana Goellner (2015, p.36) que mostra a escassez de estudos sobre gênero e sexualidades dentro do campo da educação Física:

Do mesmo modo, estudos que tematizam questões relacionadas às homossexualidades ainda são poucos frequentes. Impera, no campo da Educação Física, o princípio da heteronormatividade, praticamente invisibilizando os sujeitos que dele escapam. Ainda são ínfimas as análises que rompem com o binarismo homem\mulher, feminilidade\masculinidade, heterossexualidade\homossexualidade [...].

A falta de conhecimento sobre questões de diversidade de gênero por exemplo tem levados muitos professores a cometerem equívocos, violências e invisibilizações, dentro das aulas de educação Física da UEFS. Trago como exemplo, as diversas vezes que precisei mandar emails para alguns professores informando sobre a importância do uso do meu nome social³ em sala, lembro-me de ter escrito um e-mail e um ofício bem didático explicando ao meu professor de cinesiologia

³ Nome pelo qual as pessoas trans se apresentam socialmente. O nome social é um importante elemento que compõe a construção da identidade de gênero dessas pessoas (ÁVILA, 2014).

sobre todo o meu processo de transição de gênero, pontuando o quanto a utilização do nome social em sala evitaria constrangimentos e permitiria que eu tivesse um melhor convívio com a turma e melhor rendimento na disciplina e sobre a importância de me sentir respeitado e acolhido por ele. Falei também o que era o nome social, como funcionava, falei das portarias de nome social para pessoas trans da UFBA, e de outras instituições de ensino que já adotavam, busquei pontuar todos os motivos para que aquele docente, exercesse o seu papel como professor e me entendesse como parte daquele processo de ensino-aprendizagem.

Mas infelizmente em todas as aulas da disciplina de cinesiologia, tive meu nome social negado, meu nome de registro exposto, fui motivo de chacotas e como se não bastasse ainda tinha que suportar as piadas e falas machistas, misóginas e lgbtfóbicas distribuídas pelo próprio professor durante as explicações do seu conteúdo. Todos esses relatos mostram a importância de se discutir gênero e diversidade nas aulas de educação física, ampliando o olhar desses professores para a desconstrução de seus pré-conceitos e a necessidade de investimento em pesquisas sobre essas temáticas, garantindo o respeito e a igualdade de direitos a todas pessoas dentro das aulas de educação física.

3. EDUCAÇÃO FÍSICA E TRANSGENERIDADE: NOVOS OLHARES E PERSPECTIVAS SOBRE DIVERSIDADES CORPORAIS E DE GÊNERO

Como a Educação Física pode aprender com a Transgeneridade a ter um novo olhar sobre o corpo?

13:52h de uma segunda-feira demasiadamente nublada, encontro-me sentado no chão frio do quarto, revisitando parte dos textos que tive e estou tendo acesso na graduação, meus olhos estão atentos em busca de conceitos e proposições que apontem caminhos para pensar outras concepções de corpo dentro da educação Física. Mas, mesmo em meio a tantas teorias e tantas propostas pedagógicas transformadoras, não encontrei nada que pudesse dialogar com os corpos e vivências trans. Diante disso, deixo aqui algumas inquietações que tentarei responder durante esse exercício de escritas de mim: A formação docente que tem sido produzida no curso de licenciatura em Educação Física da UEFS abarca os corpos trans? Quais as concepções de corpo estão presentes no processo de formação desse curso? Como estes processos e relações acadêmicas, impactam no meu processo de formação humana e docente?

Nesse meu processo formativo, muitos professores passaram pela minha existência, alguns, agregando saberes importantes e marcando de forma positiva, outros, deixando marcas das quais quero esquecer. Em uma dessas aulas fatídicas de Saúde Coletiva, para ser mais preciso, em 15 de março de 2016, o professor começa a aula falando de gravidez e atividade física, ele traz conceitos e conhecimentos pertinentes levando em consideração apenas o corpo de pessoas cisgênero⁴. Peçanha (2015) destaca o corpo cisgênero como sendo o único corpo reconhecido culturalmente e socialmente, estabelecido como referencia para todas as pessoas, utilizado como base corporal na construção dos corpos, dentro do modelo de corpo cisonormativo. Em uma de suas falas sobre gravidez ele diz: “essa agora é só para as mulheres, até porque só mulher menstrua não é mesmo?” Em seguida eu levanto a mão e contesto sua fala dizendo: “não professor, menstruar e gestar não são exclusividades de mulheres cis, homens trans menstruam, podem gestar se quiser, pois possuem a possibilidade biológica que os permite engravidar, e, além disso, existem mulheres trans e travestis que não menstruam, nem gestam, tem pênis e não deixam de ser mulheres por isso”. Peçanha (2015) afirma que a gravidez é caracterizada por um determinado tipo de corpo e sua função fisiológica e é justamente por possuir essa condição que homens trans tem a possibilidade de poder engravidar caso desejem. Essa gravidez não os torna menos homens, visto que ser homem está relacionado com a sua identidade de gênero.

A turma permaneceu em silêncio por alguns instantes, lembro de alguns colegas me olhando espantados, como quem estivessem ouvindo tamanho absurdo, outros disfarçando o riso, e a desinformação. Naquele momento esperei que a minha contribuição de alguma forma, pudesse provocar uma auto-reflexão crítica sobre sua postura enquanto professor, queria fazer com que ele percebesse que meu corpo existia naquele espaço, que minha identidade de gênero era legítima e, portanto deveria ser pensada também como uma possibilidade de construção de conhecimento, ainda mais por se tratar de um curso de formação de professores, que estavam ali, para aprender sobre pedagogias e teorias do conhecimento que os capacitassem para lidar com humanos em formação e que a prática docente possibilitaria o contato com uma multiplicidade de corpos e diversidades. Mas o professor continuou sua aula, sem levar em consideração tudo que eu tinha acabado de pontuar, seguiu, cometendo os mesmos equívocos, como se nada tivesse ocorrido. Trago Ramos e Deive (2013) que falam sobre a importância de debates que gerem reflexões críticas e conteúdo de ensino na Educação Física acerca das identidades de gênero, promovendo

⁴ Cisgeneridade é uma categoria que abarca a identidade de gênero das pessoas cisgêneras (ou simplesmente cis), ou seja, das pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer (JESUS, 2012).

espaços acadêmicos de discussões, capazes de superar discursos e práticas carregadas de preconceitos e discriminações motivados pela falta de conhecimento. Nada novo sob o sol, todas as aulas de saúde coletiva que tive após esse acontecimento, só reforçaram ainda mais a lacuna que existe na formação desse professor, que não se permitiu desconstruir e contribuir para uma nova forma de pensar corpo na Educação Física. Trago exemplos como o desse professor, não para culpabilizá-lo, entendendo que ele é apenas parte de um processo maior que precisamos combater, mas para chamar atenção para um problema que atravessa nossa formação docente, mostrando que essa formação produzida no curso de licenciatura em Educação Física da UEFS não abarca os corpos trans. E que as concepções de corpo presentes no processo de formação desse curso não contempla todos os corpos.

Contudo, minhas reflexões sobre a Transgeneridade e Educação Física não ficaram restritas ao ambiente da UEFS. Durante minhas buscas por bibliografias e metodologias para subsidiar as minhas narrativas sobre diversidades corporais e identidades de gênero no campo da Educação Física, me inscrevi para participar como cursista do II Treinamento em Metodologia de Pesquisa em Sexualidade, Gênero e Direitos humanos ministrado pelo Grupo de Pesquisa Enlace que ocorreu na Faculdade de educação (FACED) da UFBA em 2015. Em uma das mesas que discutia as relações de Gênero e Sexualidade na Educação Física escolar, questionei o lugar do corpo trans nas aulas de Educação Física, apontando os processos de violência e invisibilização desses corpos dentro dessa área de conhecimento que tem o corpo como objeto de estudo, perguntando de que forma a Educação Física tem contribuído para uma formação inclusiva que levasse em consideração essas diversidades corporais e identidades de gênero e pontuando a grande lacuna existente na formação dos professores que não tem conhecimento para discutir relações de gênero em suas aulas. A professora Priscila Gomes Dornelles agradeceu minha colocação dizendo o quanto era pertinente e que se colocaria a disposição para pensarmos juntos estratégias que pudessem contribuir de alguma forma para esse debate necessário dentro da Educação Física, enfatizando que levaria o debate para ser discutido dentro do grupo de pesquisa que fazia parte na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). No término do evento a professora me presenteou com o livro, Educação Física e Gênero: Desafios Educacionais, do qual ela é uma das organizadoras e fez o convite para participar das reuniões do seu grupo de pesquisa. Naquele momento fui mostrando em conversa com a Professora Dornelles que pode haver caminhos de diálogos entre a Educação e a Transgeneridade. Embora o livro traga concepções de corpo, gênero e sexualidade limitadas apenas numa perspectiva cisgênera, reconheço que seu conteúdo contribui para pensarmos sobre novos caminhos no campo

da Educação Física, mostrando a necessidade de diálogos e reflexões além da proposta normativa, o que já é um grande avanço para nossa área, que, diga-se de passagem, ainda tem pouquíssimas produções sobre a temática.

Diante dessas limitações apontadas como barreiras que precisarão ser vencidas tanto pela instituição UEFS, quanto pelos docentes e discentes para que o processo de formação docente contemple as diferenças, será preciso ir além do conceito biologizante da Educação Física, superando conceitos binários e práticas conservadoras que historicamente foram e ainda são responsáveis por aprisionar e reprimir as minorias, é necessário e é urgente reformular nosso currículo equivocado que não pensou, por exemplo, na dificuldade e constrangimento de pessoas trans frequentarem as aulas práticas de disciplinas como a de metodologia do ensino de Aquática nesse contexto. Como salienta Louro (2003, p.64):

[...] o currículo, as disciplinas, as normas regimentais, as formas de avaliação, os materiais didáticos, a linguagem, constituem-se em instâncias que refletem e produzem as desigualdades de gênero, de raça, de classe etc. e podem incentivar o preconceito, a discriminação, o sexismo.

Foi por conta dessa defasagem existente no currículo do curso de licenciatura em Educação Física da UEFS, que não me senti confortável para fazer as aulas práticas da disciplina na piscina, deixando de vivenciar experiências necessárias para o meu processo de formação enquanto estudante e futuro professor. Visto que o próprio regulamento da disciplina concebe uma única possibilidade de corpo que é o corpo cisgênero, logo homens cis obrigatoriamente devem usar sungas, e mulheres cis apenas maiô, o que já descarta a existência de outros corpos que não seguem essa regra, a exemplo de homens com vagina e mulheres de pênis, ou até mesmo outras formas vivenciar a feminilidade e masculinidades entre pessoas cisgêneras. Conseguem imaginar o quanto é constrangedor e violento para pessoas trans fazerem aulas práticas com trajes de banho que não condiz com sua identidade de gênero? Confesso que até me esforcei para tentar fazer uma primeira aula, mas foi tão violento e sem sentido pra mim, que passei a inventar desculpas para não participar, até o dia que não aguentei mais e sinalizei ao professor da disciplina o quanto me sentia excluído por não poder estar participando da forma que eu gostaria. Mas ao invés de buscar estratégias de inclusão e dialogo, ou até mesmo promover o debate entre outros docentes em busca de soluções, ele apenas me liberou das aulas práticas, permitindo que as assistisse de fora da piscina. Experiências acadêmicas como essas, além de evidenciar a necessidade de reformulação do currículo, vão impactando no meu processo de formação docente no momento em que não dialogam com a minha realidade. É necessário que a instituição como um todo, que envolve docentes,

discentes e funcionários estejam abertos para buscar informações, libertando-se dos pré-conceitos e julgamentos. A Educação Física precisa ter sempre o olhar atento e acolhedor, uma escuta sensível para com as diferenças. Podemos incluir em nossos conteúdos a problematização de referências corporais e de gênero, que não reforcem os preconceitos construídos culturalmente, e que excluem quem não se encaixam nos modelos determinados socialmente. Precisamos construir dentro da perspectiva que Miskolci (2012) chama de “Um aprendizado pelas diferenças”, no qual a educação seja apresentada dentro de uma perspectiva não normalizadora, atividades que dialoguem com as experiências subalternas, invisibilizadas, violentadas, passem a ser incorporadas de forma a modificar tanto educandos quanto educadores, buscando estabelecer simetrias para um aprendizado relacional e transformador de ambos.

Nessa perspectiva proponho que a Educação Física busque criar estratégias para se apropriar dos debates de gênero e diversidade corporal pensando de forma interseccional, sendo multiplicadores, proporcionando ações e reflexões não só sobre “desigualdades de gênero, mas também de raça, etnia, orientação sexual, geração, classe social, habilidade física presentes no universo cultural dos sujeitos que a vivenciam” (GOELLNER, 2013, p.40). Ampliando assim, as concepções de corpo, construindo novos (des)caminhos e propostas pedagógicas capazes de incluir todas as pessoas.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Simone. **Transmasculinidades: A emergência de novas identidades**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Educação Física e gênero: Desafios educacionais**. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 23-44.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. ed. Brasília: E-book, 2012. Disponível em: <<http://www.sertao.ufg.br>>. Acesso em: 23 set. 2016.

OLIVEIRA, André Lucas Guerreiro. Os homens transexuais brasileiros e o discurso pela (des)patologização da transexualidade. In: JESUS, Jaqueline Gomes de. **Transfeminismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014. p. 87-105.

PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. Ressignificar e empoderar o corpo: Homem trans grávido e os desafios da adequação. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO O GÊNERO, 2., 2015, Salvador. **Anais**. Salvador: UFBA, 2015. p. 1 - 5.

RAMOS, Michelle Rodrigues Ferraz; DEVIDE, Fabiano Pries. O discurso docente sobre a relação entre conteúdos de ensino e identidade de gênero. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Educação Física e gênero: Desafios educacionais**. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 169-192.

SANTOS, Héllen Thaís dos; GARMS, Gilza Maria Zauhy. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação. In: Congresso Nacional de Formação de Professores, 2., 2014, São Paulo. **Anais....** São Paulo: Unesp, 2014. p. 4094 - 4106.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, Antonio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria. **Memória e formação de professores**. Salvador: Edufba, 2007. p. 58-74.

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.